OBSTÁCULOS E CONQUISTAS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

ADRIANA PERONI LEMOS DA ROCHA

RESUMO: O artigo visa salientar aspectos relacionados a formação de professores, as dificuldades e desafios encontrados ao longo do processo.

PALAVRAS-CHAVE: Docente, Profissional e Formação

1. INTRODUÇÃO

Este artigo foi feito a partir de pesquisa bibliográfica.

O desenvolvimento do trabalho gira em torno de dois eixos principais: O primeiro diz respeito à formação acadêmica dos professores, detectando os aspectos positivos e negativos como também as dificuldades encontradas ao longo dos cursos de formação.

O segundo trata da relação entre teoria e prática, onde foi constatada a importância da apropriação da teoria para a aplicação da prática. Trata também da diversidade que existe na realidade escolar, o que leva o professor a desenvolver e adequar práticas totalmente distintas.

2. DESENVOLVIMENTO

A FORMAÇÃO DOCENTE: PRÁTICA E REFLEXÃO

Trataremos a seguir da formação acadêmica dos professores, detectando os pontos positivos e negativos dessa formação, e também as dificuldades encontradas pelos profissionais da educação ao longo dos cursos de formação.

O problema da formação docente é, de certa forma, o problema da educação, que é assunto de interesse do conjunto da sociedade. O objetivo da educação é tornar as pessoas mais livre, menos dependentes do poder econômico, político e social.

As práticas pedagógicas desenvolvidas no interior da sala de aula, em geral, não expressam um projeto articulado em termos dos conhecimentos e habilidades que um professor deve possuir, pois as propostas educacionais não se constituem em respostas eficazes às necessidades concretas da escola e do professor. Este, por sua vez, sai do curso de formação pouco preparado para enfrentar com segurança o trabalho do dia a dia.

É no dia a dia que o professor percebe o grau de eficiência e ineficiência que sua formação lhe proporcionou. Depara-se com a angústia de ter um dever a cumprir e muitas vezes não saber como cumpri-lo. A frustração surge, e a grande dúvida, sobre onde encontrar a resposta para resolver os problemas vivenciados na sala de aula.

Isso acontece com a grande maioria dos professores que saem da faculdade ou curso de magistério e ingressam na profissão. No ato de ensinar, o educador se defronta com as verdadeiras dificuldades, obstáculos reais e concretos que precisa superar. A educação impõe desafios que levam o docente a se mobilizar para buscar saídas.

O primeiro impacto que o professor tem frente a sua sala, talvez não seja o que ele idealizou ao longo de sua formação. Nem sempre o embasamento teórico que possui é suficiente para atingir os objetivos que deseja.

Não existe nada pronto e acabado na educação. Não se pode querer respostas prontas aos problemas enfrentados em sala de aula.

Conforme Francisco Imbernón:

> A formação envolve um papel que vai além do ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza.” (IMBERNÓN, 2011, p.19).

O professor precisa deixar de ser um artesão autônomo diante das decisões sobre o que ensinar e como transmitir e avaliar o que ensina. Antes, deve ter consciência de que o educando tem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Isso só será possível quando o próprio educador cumprir este papel durante sua formação.

Portanto, ser um profissional da educação significará participar na emancipação das pessoas.

Parece que, nos últimos anos, a formação docente tem ocupado boa parte ao processo formativo das discussões sobre a educação e que esses debates têm abandonado, progressivamente, a esperança de que a escola venha a produzir uma revolução na sociedade brasileira. Essa esperança alimentada por educadores identificados quer com a esquerda – crendo que a educação daria consciência de luta por uma sociedade mais justa – quer pensamento vigente ou apenas formar mão-de-obra qualificada – vem sendo colocada em questão, pois ambos percebem que o problema da formação de homens e mulheres é mais complexo do que supunham.

As grandes mudanças desejadas para

a sociedade têm dado lugar a utopias mais modestas. Se não é possível mudar (ou moldar, pelo que parece ser o desejo de alguns!) a escola enquanto sistema, talvez algo possa ser feito em relação a unidades menores. Modestamente, se não é possível mudar a sociedade, talvez um pequeno núcleo como a sala de aula seja mais viável. E nesse ponto, a formação docente volta ao centro da discussão.

Novos professores para novas circunstâncias: novas questões sobre a formação são requeridas.

A ampliação dessas interrogações não significa que as antigas questões, tais como valorização do magistério, condições de trabalho etc. sejam abandonadas. Ocorre que houve maior abertura de análise e reflexão sobre o ponto que preocupa a todos: a qualidade do ensino público.

Não é necessário muito esforço para perceber indícios de que a escola de hoje não cumpre mais seu papel. Talvez o mesmo possa ser dito de seus profissionais. Se a sociedade deseja algum tipo de mudança, talvez seja o momento de virarmos a atenção dos professores. Particularmente, temos assumido a posição de que pouca alteração haverá no cenário educacional se a formação docente não for constante objeto de preocupação. Se pouco pode ser feito para ocorrerem mudanças substanciais na escola, ao menos a formação docente qualificada poderá alterar determinados quadros do atual cenário.

Não podemos nos esquecer de que a escola é um projeto moderno; portanto, estruturada a moderna, respondendo ao projeto da modernidade. Este contexto que dá sustentação ao nascimento da escola, parece estar sensivelmente alterado, o que sugere a pergunta: como se daria a educação e a formação de professores na atualidade, ou, como alguns denominam, na pós-modernidade?

Deste modo, procuraremos, brevemente, apontar algumas reflexões provisórias sobre a formação docente tomando como base o atual quadro de discussões e produções acadêmicas nesta área.

Em termos de formação docente, esse dualismo, (saberes práticos e saberes teóricos), tem tido coletiva, particularmente no seio das escolas, que dêem corpo a dinâmicas de autoformação participada.

Essa dinâmica como processo de autocriação permanente reflexos nos seguintes aspectos: primeiro, na distinção entre o eu pessoal e o eu profissional do professor. Esta distinção pode ser abandonada. Não ser possível separar as dimensões pessoais e profissionais de cada pessoa. A forma como cada pessoa vive a profissão de professor é tão (ou mais) importante do que as técnicas que aplica ou os conhecimentos que transmite.

Em segundo lugar, abandonar o vocabulário dualista criado na educação sobre saberes práticos e saberes teóricos. Essa distinção é outra forma de separar crenças e desejos das ações humanas, ou, cartesianamente, separar pensamentos de atitudes. O resultado disso é a compreensão, e, portanto, a ação, de que alguns pensam para que outros façam, isto é, alguns mandam, outros obedecem. Os professores constroem a sua identidade por referência a saberes (práticos e teóricos), mas também por adesão a um conjunto de valores etc. Como diz:

"Devemos ter claro que não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente." (NÓVOA; 1995a, p.32).

O que se busca, é a reconceitualização de sujeito, considerando seriamente sua vida e seus projetos, suas crenças e atitudes, valores e ideais. E isso não pode ser diferente para o professor. Tal concepção entende a importância da ação profissional do professor bem como sua ação como pessoa:

É conveniente investir a pessoa do professor e dar um estatuto ao saber emergente da sua experiência pedagógica. Paradoxalmente, a profissionalização do ensino faz-se à custa deste saber experiencial, podendo até adaptar-se a expressão de Giddens e denunciar o "sequestro da experiência".

"Por isso, é tão importante fazer com que os professores se apropriem dos saberes de que são portadores e os trabalhem do ponto de vista teórico e conceptual" (NÓVOA; 1995a, p.36.).

Na busca de nova dinâmica de formação e de concepção do papel docente, poderão contribuir para este processo de construção do saber emergente da prática quatro elementos que procuram integrar fundamentos teóricos das diversas ciências sociais e humanas em direção a uma reflexão sobre a experiência pedagógica. São eles apontados por Nóvoa (1994):

É preciso que os professores adquiram maior poder político, no sentido lato do termo, o que implica a invenção de modalidades associativas que ultrapassem as formas sindicais tradicionais e que exprimam as novas necessidades de organização profissional.

É preciso que os professores conquistem maior visibilidade social, afirmando publicamente os seus saberes, por meio da presença nos espaços de debate (orais e escritos), não renunciando a ter uma voz pró-

pria diferente da dos restantes atores educativos.

É preciso que os professores encontrem processos equilibrados de relacionamento com as comunidades científicas, nomeadamente na área das ciências da educação.

É necessário que construam lugares de partilha e de reflexão da identidade profissional, de modo que os professores possam definir estratégias de ação que não podem mudar tudo, mas que podem mudar alguma coisa. E esta alguma coisa não é coisa pouca.

A FORMAÇÃO COMO ELEMENTO INDISPENSÁVEL

O desenvolvimento profissional do professor não é apenas o desenvolvimento pedagógico, o conhecimento e compreensão de si mesmo, o desenvolvimento cognitivo ou teórico, mas tudo isso ao mesmo tempo delimitado ou incrementado por uma situação profissional que permite ou, impede o desenvolvimento de uma carreira docente.

O desenvolvimento profissional do professor pode ser um estímulo para melhorar a prática profissional. Os cursos voltados à formação docente, contribuem para aumentar o grau de convicções e conhecimentos profissionais, tendo assim, o objetivo de aumentar a qualidade docente. Consequentemente, a formação está ligada à melhoria da qualidade de ensino, pois auxiliam o professor na reflexão sobre sua prática pedagógica.

A formação deve apoiar-se em uma reflexão dos sujeitos sobre a teoria-prática docente, a troca de experiências entre os docentes, de modo a lhes permitir examinar suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes, realizando um processo constante de autoavaliação que oriente o seu trabalho. Uma formação sólida e abrangente deve proporcionar aos docentes conhecimentos, habilidades e atitudes para criar profissionais reflexivos e investigadores.

Devemos também pensar na formação como elemento de estímulo e de luta pelas melhorias sociais e profissionais.

Na busca pela formação, o profissional deve superar a dependência. Não adianta esperar que os outros façam as coisas que nunca farão. A melhoria da formação e do desenvolvimento profissional do professor reside em parte em estabelecer os caminhos para ir conquistando melhorias pedagógicas, profissionais e sociais, e no debate entre o próprio grupo profissional.

DO DISCURSO À AÇÃO: QUANDO AS CONTRADIÇÕES ESTÃO PRESENTES

A formação do professor tem se baseado em uma dicotomia, separando o processo de formação do professor e o de formação do aluno.

Os conteúdos nem sempre se constituem instrumentos para o conhecimento da realidade social, nem em fundamento para o exercício da prática pedagógica, antes são apresentados como receitas ou modelos, sem se considerar os problemas sérios com que se defrontará o professor.

Além disso, a maneira como os futuros docentes deverão ensinar não é a mesma maneira como foram formados, já que estamos inseridos em uma sociedade em que ocorre frequentes transformações tecnológicas e científicas, e os valores humanos estão em constante construção.

...as ações de formação devem proporcionar um ambiente criativo e estimulante, semelhante àquele que se espera que os professores venham a desenvolver, posteriormente na sala de aula com seus alunos. (FREIRE, 1991)

Os formandos, ao se constituírem professores, devem ter consciência de que seus futuros alunos deverão aprender a partir de situações-problemas, e terão seus conhecimentos prévios valorizados. Porém, não conseguem aplicar estas concepções na prática, visto que, como alunos, pouco presenciaram essas situações.

Dessa forma, tornam-se professores passivos, que desconhecem seus próprios papéis e reproduzem a formação a que foram submetidos para as outras gerações.

Há também, por parte de muitos professores, dificuldade de conseguirem colocar na prática o que lêem nos livros. Parece haver um abismo muito grande quando se tentar aplicar alguma teoria pedagógica em sala de aula. Muitos professores relatam que as teorias metodológicas só servem no papel e não produzem efeito no cotidiano dos alunos, por se distanciarem muito da realidade.

O ideal é que o professor utilize o embasamento teórico junto com a prática em sala de aula, senão, de nada adiantará conhecer os autores, teorias e métodos pedagógicos.

Os professores, em sua maioria, têm discursos que diferem totalmente de suas ações. Defendem que o aluno deve ser considerado sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem, mas suas aulas são, por vezes, desinteressantes, não criando meios para que os alunos apliquem o que aprendem na escola em suas vidas cotidianas.

Faz-se necessário, então, que os docentes compreendam que a melhor maneira

de ensinar, mais do que falar, é fazer.

As crianças não aprendem no concreto? Os professores também. Eles vão valorizar os conhecimentos dos alunos quando os seus forem valorizados. Suas aulas terão a participação dos alunos quando souberem como é gostoso e proveitoso participar da aula. Suas avaliações deixarão de ser exclusivamente quantitativas e passarão a ser qualitativas, se desta maneira também forem avaliados. Isso pode ser claramente comprovado no relato de vários professores que atuam no magistério.

Os alunos aprendem muito mais com a conduta do professor do que com seu discurso. O conhecimento só será internalizado pelos alunos quando estes constatarem que aquilo que o professor fala é justamente o que ele faz. Trata-se de uma referência para os alunos, e essa referência pode se tornar positiva ou negativa, dependerá da postura do professor perante seus alunos.

A PRÁTICA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO

Como nos mostra Paulo Freire, existe uma ligação indissociável entre teoria e prática e, portanto, temos complementaridades quando falamos de ambas

"Não se pode separar prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender." (FREIRE, 1996: 106-107)".

Durante a formação docente, não é possível pensar nos seres humanos apartados da ética e do respeito mútuo. Se isso ocorre, torna-se uma transgressão.

A experiência educativa, baseada em puro treinamento técnico, torna mesquinha a prática no exercício educativo. Respeitando a natureza humana, o ensino dos conteúdos contribui totalmente para a formação moral do educando.

Durante as aulas, os professores também aprendem na troca de experiências com os alunos e demais colegas. A formação que ocorre durante a prática profissional é muito aproveitável, pois é nela que ocorrem os conflitos do dia a dia e a busca de soluções para resolvê-los.

Ensinar não é transmitir conhecimentos, e sim criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Este deve ser um saber indispensável que o formando precisa levar de sua experiência formadora.

A formação do professor deve ser permanente e continuada. Aceitando que o formador é o sujeito em relação ao formando; que é o objetivo, o sujeito que forma e nós objetos por ele formados, somos considerados pacientes que recebem os conhecimentos e os conteúdos acumulados pelo sujeito. Isso não passa de mera transferência e de saberes.

Compreender o processo formador desta maneira, possibilita fazer do formador um falso sujeito da formação do futuro objeto. Aquele que ensina aprende, e reestrutura seus conhecimentos ao ensinar. E quem aprende também ensina ao aprender.

Portanto, ensinar não é transferir conhecimentos, mas sim aprender ao ensinar. O professor só pode formar quando em sua formação teve consciência de que é a ação criadora quem dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.

O professor não tem razão de ser sem o aluno, pois esta relação, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de sujeito-objeto, ou de objeto um do outro.

A prática faz com que o professor tome contato com os conhecimentos acumulados, ou seja, com a teoria. Com isso, ele acredita que poderá resolver determinados impasses, que até então desconhecia. Na tentativa de assegurar o domínio efetivo do saber escolar pelos alunos, será sua própria dificuldade, a alavanca impulsionadora do desafio de superar esses impasses, ocorrendo assim o seu crescimento.

É de suma importância que os professores consigam promover entre si debates, uma vez que no confronto de visões opostas os interlocutores possam atuar como mediadores entre cada professor e os problemas sobre os quais se está refletindo, possibilitando a criação de um desenvolvimento próximo, onde cada professor poderá elaborar análises que não elaboraria sozinho e, a partir daí, realizar atividades que promovam e consolidem novos patamares de desenvolvimento intelectual.

A superação de problemas exige que o professor se aproprie de instrumentos de trabalho (procedimentos, técnicas, materiais didáticos) e ao mesmo tempo desenvolva um discurso significativo, fundamentado teoricamente, capaz de compreender esses problemas e reorientar a prática no sentido da superação deles.

Nas atitudes em sala de aula, os professores devem buscar refletir sempre. Para detectar os pontos que não foram atingidos ainda, os aspectos a serem melhorados ou os acertos, devem usar o bom senso e a reflexão.

É comum haver uma sensação de desorientação frente as constantes mudanças educacionais, por isso, a reflexão crítica é um mecanismo para enfrentar as dificuldades.

Por isso, é importante que, na formação permanente dos professores, a reflexão

crítica sobre a prática é fundamental. É pensando criticamente na prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio pedagógico deve constituir a vertente prática permitindo a iniciação à prática letiva, envolvendo os estagiários em atividades de formação que possibilitem a reflexão, quer sobre as experiências vividas e o seu impacto no pensar e no agir profissional, quer sobre os efeitos de suas ações nos alunos.

Ele permite uma primeira aproximação à prática profissional e promove a aquisição de um saber fazer e de um saber julgar as consequências das ações didáticas e pedagógicas desenvolvidas no cotidiano profissional. Assim, o estágio pedagógico possibilita o envolvimento com a experiência e a interação com os alunos na sala de aula, e com os orientadores em situações pré e pós-ativas ao ensino, criando condições para realização de aprendizagens que podem proporcionar a aquisição de saberes profissionais e mudanças, tanto nas estruturas conceituais, como nas concepções de ensino.

Porém, na realidade, não é desta forma que o estágio pedagógico está sendo realizado. Ele constitui-se apenas em uma atividade burocrática e, quando muito, em orientações acadêmicas e técnicas, formando no aluno a ilusão de que o conhecimento é o principal instrumento da ação.

O estágio realizado apenas como uma exigência burocrática, não promove grandes experiências nos formandos. Em geral é visto como um fardo pouco proveitoso e muito trabalhoso, pois é necessário preencher várias fichas, recolher assinatura de professor e diretor. Nesse aspecto, o estágio pedagógico perde seu sentido enquanto mecanismo de formação.

Além do mais, essa maneira de realizar o estágio traz a ideia implícita de que os professores competentes possuem um conhecimento profundo, quer dos conhecimentos científicos de ensino, quer das estratégias de ensino que lhes permite criar situações de aprendizagem para os alunos. Sendo assim, quando se deparam com os obstáculos e dificuldades da primeira experiência, sentem-se incapazes e despreparados para desempenhar a carreira profissional. Há um choque quando se deparam sozinhos com os seus alunos e têm que desenvolver estratégias de ensino para desenvolver os conteúdos e atingir o nível de aprendizagem proposta.

Segundo Casanova (1998), o estágio precisa ter as seguintes técnicas de observação: observação participante, entrevistas com os participantes e investigação de documentos. Se essas técnicas forem trabalhadas em conjunto, o estágio não será simplesmente uma atividade técnica e sim criadora, permitindo que o estagiário adquira uma prática investigativa transformando-o em um professor construtor de saberes profissionais e não somente utilizadores de conhecimentos produzidos por outro.

"... é pela via do desenvolvimento de capacidades investigativas dos professores que se constrói um percurso de formação autônomo e reflexivo" (MOREIRA E ALACARÃO, 1997:21)

ALTERNATIVAS À FORMAÇÃO DOCENTE

Em termos de formação docente, o dualismo (saberes práticos e saberes teóricos), tem tido coletiva, particularmente no seio das escolas, que deem corpo a dinâmicas de autoformação participada.

Essa dinâmica como processo de autocriação permanente reflexos nos seguintes aspectos: primeiro, na distinção entre o eu pessoal e o eu profissional do professor. Esta distinção pode ser abandonada. Não ser possível separar as dimensões pessoais e profissionais de cada pessoa. A forma como cada pessoa vive a profissão de professor é tão (ou mais) importante do que as técnicas que aplica ou os conhecimentos que transmite.

Em segundo lugar, abandonar o vocabulário dualista criado na educação sobre saberes práticos e saberes teóricos. Essa distinção é outra forma de separar crenças e desejos das ações humanas, ou, paralelamente, separar pensamentos de atitudes. O resultado disso é a compreensão, e, portanto, a ação, de que alguns pensam para que outros façam, isto é, alguns mandam, outros obedecem. Os professores constroem a sua identidade por referência a saberes (práticos e teóricos), mas também por adesão a um conjunto de valores etc.

"Devemos ter claro que não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente." (NÓVOA; 1995a, p.32).

O que se busca, é a reconceitualização de sujeito, considerando seriamente sua vida e seus projetos, suas crenças e atitudes, valores e ideais. E isso não pode ser diferente para o professor. Tal concepção entende a importância da ação profissional do professor bem como sua ação como pessoa:

É conveniente investir a pessoa do professor e dar um estatuto ao saber emergente da sua experiência pedagógica. Paradoxalmente, a profissionalização do ensino faz-se à custa deste saber experiencial.

"Por isso, é tão importante fazer com que os professores se apropriem dos saberes de que são portadores e os trabalhem do ponto de vista teórico e conceptual" (NÓVOA; 1995a, p.36.).

Neste processo de reconstrução das questões que implicam a formação docente, Nóvoa aponta alguns aspectos do processo "identitário" dos professores que podem servir de referência para a revisão do sentido de formação para o professor: adesão, porque ser professor implica sempre a adesão a princípios e a valores; ação, na escolha das melhores maneiras de agir, jogam-se decisões do foro profissional e do foro pessoal; autoconsciência, porque em última análise tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre a sua própria ação.

Na busca de nova dinâmica de formação e de concepção do papel docente, poderão contribuir para este processo de construção do saber emergente da prática quatro elementos que procuram integrar fundamentos teóricos das diversas ciências sociais e humanas em direção a uma reflexão sobre a experiência pedagógica. São eles apontados por Nóvoa (1994):

É preciso que os professores adquiram maior poder político, no sentido lato do termo, o que implica a invenção de modalidades associativas que ultrapassem as formas sindicais tradicionais e que exprimam as novas necessidades de organização profissional.

É preciso que os professores conquistem maior visibilidade social, afirmando publicamente os seus saberes, por meio da presença nos espaços de debate (orais e escritos), não renunciando a ter uma voz própria diferente da dos restantes atores educativos.

É preciso que os professores encontrem processos equilibrados de relacionamento com as comunidades científicas, nomeadamente na área das ciências da educação.

É necessário que construam lugares de partilha e de reflexão da identidade profissional, de modo que os professores possam definir estratégias de ação que não podem mudar tudo, mas que podem mudar alguma coisa. E esta alguma coisa não é coisa pouca.

TEORIA X PRÁTICA

O saber docente cotidiano é constituído tanto pelo conhecimento teórico-científico, como pelo saber da experiência. E é por meio destes que os professores se apropriam dos saberes das disciplinas, dos curriculares e profissionais.

O caminho para se conseguir essa aquisição de saberes está na possibilidade de atualização dos docentes junto às pesquisas que fornecem subsídio para a emancipação intelectual e política de professores e alunos. Dessa forma, torna-se mais fácil aprimorar, aprofundar e adquirir novos conhecimentos, levando o professor a ensinar novas maneiras, aos alunos, de lerem o mundo e reclamarem seus direitos de cidadãos.

O que acontece com muita frequência na área educacional, é que há uma sobrecarga de informações e de autores que propõem alternativas, pesquisas e teorias educacionais. Nem sempre o professor tem a oportunidade de vivenciar todas as teorias educacionais e nem de vinculá-las a prática. Teoria e prática precisam caminhar juntas para que haja resultado e verificação de sua eficiência no cotidiano. Precisam caminhar juntas.

Embora reconhecendo que a teoria é imprescindível para o redimensionamento da prática, a primeira não pode ser vista como soberana sobre a segunda. Da mesma maneira, não se pode entender e superar a prática sem a contribuição da teoria. Prática e teoria devem estar dinamicamente articuladas.

"Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro." (Freire, 1996:32)

A IMPORTÂNCIA DA TEORIA

Por que nós devemos nos preocupar com a teoria da educação? Por que não nos limitarmos a levar avante o trabalho de educar aprendendo pelo caminho todos os truques do ofício?

A resposta, bastante simples, é que nos tornamos muito mais aptos a realizar uma coisa quando sabemos o que estamos tentando fazer e como nos propomos a fazê-la. Sem a teoria, a alunissagem teria sido impossível. Sem a teoria musical, qualquer tentativa de composição teria de partir do nada. Afinal de contas, a teoria representa o aspecto racional da prática à luz da experiência lançada sobre caminhos ainda não trilhados.

Pretendem-se educar de maneira inteligente e democrática, teremos necessidade de uma teoria não apenas para este ou aquele objetivo, mas para a existência como um todo.

O embasamento teórico é importante para a profissão. Indica um caminho a ser seguido. Nem sempre o embasamento teórico é a chave para a solução das problemáticas existentes, pois o professor necessita de uma formação mais abrangente e não só teórica. Mas, o embasamento teórico auxilia na compreensão de muitas questões confusas na área educacional.

A tarefa do professor é traduzir a teo-

ria em prática funcional. É fazer a relação da teoria com a prática e saber aplicá-la no cotidiano escolar.

Se o professor tem dificuldade em fazer essa relação, é porque sua formação teve falhas no decorrer do processo. Saber fazer a relação teoria-prática é fundamental, mesmo porque, cada sala de aula possui uma característica e peculiaridade. O professor deve ter o bom senso para fazer essa adequação.

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria-Prática sem a qual a teoria pode vir virando blá, blá, blá e, a prática ativismo.

A TEORIA TRANSFORMADA EM PRÁTICA

O saber docente é um processo único onde prática e teoria está enlaçada, iniciando-se com a tomada de consciência dos problemas surgidos em sala de aula, e prossegue com a intenção de buscar informações, de compartilhar dúvidas, questões e reflexões. Continua na busca de novas alternativas de interferência na sala de aula, ajudando assim a transformar a situação inicial.

A prática docente não é uma ação que deriva de um conhecimento prévio, como acontece em certas engenharias modernas, mas sim uma atividade que gera cultura intelectual em paralelo com a sua existência, como aconteceu com outras profissões sociais e ofícios. Isto é importante porque muitos dos especialistas em educação se esquecem deste fato quando chega a hora de refletir sobre a relação entre prática e conhecimento." (MAZZEU, 1998).

Então, quando os formandos de educação entram no mercado de trabalho, precisam estar preparados para analisar as consequências de suas opções e de seu trabalho, para que possam repensar suas atitudes.

Durante as aulas, o professor vai percebendo qual método ou teoria se adequou melhor com seus alunos. Isso requer do profissional percepção e dinamismo, pois muitas vezes terá que fazer pesquisas e preparar várias atividades educativas para alcançar seu objetivo.

Refletir sobre a ação é a tarefa fundamental para o educador preocupado em discutir o que produz e reproduz através de suas atividades educativas> Isso não para no exercício intelectual, mas é condição para uma prática de nova qualidade – a aproximação entre o que a educação pode fazer e o que está fazendo concretamente.

A reflexão sobre a prática é fundamental para que a educação exerça seu papel na luta pela transformação social.

Entendendo a educação como transmissão de ideias e conhecimentos que, através da prática, podem compor forças para transformar ou conservar a realidade, o objetivo do trabalho está em fazer avançar, até onde a escola pode fazê-lo, a consciência de classe dos alunos.

Para uma prática revolucionária, no sentido de ser transformadora, não basta uma teoria revolucionária. É preciso que se identifiquem processos mediadores que concretizem, na prática, a teoria.

A teoria em si... não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e em primeiro lugar, tem transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação: tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Neste sentido, uma teoria é prática na medida em que se materializa, através de uma série de mediações, o que só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação". (VASQUES, 1990: 206 – 207)

A DIVERSIDADE DA PRÁTICA

A prática docente não é única nem uniforme. Se submetida a uma descrição analítica, veremos que o referencial teórico e empírico se alterna continuamente.

Ela resulta não só da experiência individual, mas também da influência de aspectos mais amplos e globalizantes, como os processos culturais, econômicos e políticos. A leitura histórica da prática docente dos professores permite ampliar a visão de seus significados, que são resultados de processos sociais e históricos em que os professores, como sujeitos sociais, construíram no curso de sua história pessoal e profissional.

Algumas escolas com histórico de violência exigem que os professores adotem estratégias de ensino diversificadas para lidar com a situação. Muitas vezes têm que enfrentar seus próprios temores.

Em situações como essa, o embasamento teórico não é suficiente. Os professores então, devem apelar para a sensibilidade que possuem e manter uma postura coerente com seu papel de educadores.

Não é fácil encarar situações inusitadas e surpreendentes. Não há formação na faculdade que ajude os docentes a direcionar situações de violência dentro do âmbito escolar. A equipe escolar e a prática do cotidiano são as que auxiliam os professores na convivência com os dramas enfrentados na educação.

Em relatos, pode-se observar na fala dos professores que existe uma diversidade

muito grande entre escolas ou mesmo turmas de salas de aula. Como o profissional se adapta a variedade de diferenças que existem?

Os seres humanos são singulares, e isso é representado nas salas de aula e no conjunto escolar. Preparar uma mesma atividade educativa para turmas diferentes pode não ter o mesmo resultado.

O professor deve então, deve refletir sobre sua prática e sobre os mecanismos de ensino.

A escola também constitui um espaço fundamental para a reflexão coletiva, proporcionando um aperfeiçoamento contínuo. É na relação com os colegas, na confrontação e troca de saberes e informações sobre os estudantes que os professores dividem seu saber teórico-prático, enriquecendo seus conhecimentos e desempenhando suas funções com maior qualidade.

Os grupos de formação dentro das unidades escolares constituem espaço de reflexão muito importante. Nesse espaço os docentes trocam experiências com os colegas, relatam seus sucessos e dificuldades. É nesse momento, que o grupo se mobiliza para buscar alternativas para enfrentar as dificuldades. Os professores não se sentem sozinhos e desamparados com os fardos do dia a dia.

Porém, se o corpo docente da instituição não defende o estilo de trabalho coletivo, ou mesmo quando não há coletivo, como por exemplo numa escola rural, a experiência individual e a situação social vão revelar uma prática docente diferente das já mencionadas, onde a reflexão é utilizada como instrumento de melhoria da qualidade de ensino.

As condições materiais da escola também funcionam como elementos possibilitadores ou limitadores do trabalho docente, fazendo com que os professores reflitam em como incorporar, em determinadas situações, os saberes transmitidos nos cursos de formação inicial.

Em escolas, em geral situadas na zona rural, há grande carência de recursos materiais. Os recursos materiais faltam por parte da instituição e por parte dos alunos que não possuem recursos para comprar os materiais escolares exigidos pela escola.

O professor então, deve se adequar a realidade em que está inserido e aproveitar o melhor possível, os recursos que têm a sua disposição.

A falta de recursos não pode se tornar impedimento para que os professores executem uma aula boa e proveitosa para seus alunos. Os docentes devem sempre buscar elementos para melhorar a prática em sala de aula.

Também em muitas escolas públicas, há uma invasão de salas de aula em espaços que inicialmente seriam utilizados como recursos para o processo ensino-aprendizagem.

Por exemplo, bibliotecas, laboratórios, sala de leitura, tudo acaba virando sala de aula para que a escola atenda a demanda.

Com essa prática, os alunos perdem, pois os espaços que seriam utilizados como complemento a atividade de sala de aula, passam a não existir mais.

E não é só isso, mas também quais saberes que devem permanecer e quais precisam ser abandonados.

Assim, as condições gerais do trabalho docente são diversas em diferentes instituições. Desde a trajetória histórica da escola, onde se definem as formas de relação externas – com as famílias, comunidade etc. -, e internas – com colegas de trabalho, especialistas, coordenação e direção, até as relações que incidem diretamente no ensino. A natureza e direção assumidas por essas relações nas diferentes escolas e lugares conduzem a práticas de ensino totalmente distintas.

3. CONCLUSÃO

A análise apresentada neste artigo procurou estabelecer os pontos positivos e negativos presentes na formação do professor.

Através das pesquisas realizadas, conclui que os cursos de formação docente deveriam inculcar em seus alunos, que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação;

É impossível exercer a atividade do magistério como se nada estivesse acontecendo conosco, pois estamos engajados no processo. É necessário um envolvimento maior com a prática pedagógica, que vá muito mais além do que ensinar o que foi passado na escola, mas também ensinar o que eles precisam saber, enquanto sujeitos situados em determinado momento histórico, para que assim despertem consciência política e cidadã.

É necessário que a prática educacional desperte os alunos e os direcione para caminhos mais solidários e democráticos em sua relação com a sociedade, compreendendo o mundo em que vivem e se propondo, como cidadãos, a mudá-lo na busca de condições de vida plena para todos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem – A ALEGRIA DE ENSINAR – 3ª. Edição / São Paulo : Papirus Editora, 2001

ALVES, Rubem – ESTÓRIAS DE QUEM GOSTA DE ENSINAR – 17ª. edição São Paulo : Cortez Editora, 1994

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2011, 9e.d.

CASANOVA, Maria prazeres Simões Moço – SUPERVISÃO PEDAGÓGICA: Fundação do orientador pedagógico da escola. Portugal, 1998.

FREIRE, Ana Maria – CONCEPÇÕES ORIENTADORAS DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ENSINO NOS ESTÁGIOS PEDAGÓGICOS. Lisboa, 1999.

FREIRE, Paulo – PEDAGOGIA DA AUTONOMIA Saberes necessários à Pratica Educativa - 15ª. Edição / São Paulo: Editora Paz e Vida, 1996

MAZZEU, Francisco José Carvalho – O professor e o ensino: novos olhares. CADERNO CEDES, São Paulo, Ed. Cortez, volume 44 – p. 59-72, 1998.

MOREIRA, M. A e ALCARÀO – PERCURSOS DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL. A investigação ação como estratégia de formação inicial de professores reflexivos. 3ª. edição. Porto: Editora Porto, 1997.